A saudade do rabo do boi

O GLOBO 12 FEV 1995

JOSÉ SARNEY

Deus poderia ter feito o mundo sem que o homem necessitasse de construir nada para melhorá-lo. Todas as coisas no lugar certo, todos os homens sem o dilema entre o Bem e o Mal. Era o que tinham Adão e Eva, os primeiros e os últimos seres a provar a utopia ecológica.

Foi por isso que Rousseau e Malherbe, em momentos diferentes, viram o selvagem feliz e a beleza de viver num mundo sem ambições. Triste engano. Adão, Eva e os índios que foram batizados em Notredame, deixando Paris de 400 anos atrás excitada, vendo seres de outros mundos e estrelas, tão cheios eram de vaidade quanto os poetas de França.

Deus fez a obra da natureza de uma matéria convulsa, em contorções permanentes, de seres nascendo e morrendo, de gases que se combinam e destroem, de gente à feição do Criador, mas a alma dividida com o Diabo. E provou com as próprias Escrituras, quando aludiu ao fato da tentação de Cristo pelo demônio. O que lhe diz ele? "Dar-te-ei todos os prazeres da Terra, desde que me entregues tua alma." E mostrou-lhe do alto do monte o mundo e suas seduções. Ora, argumenta Vieira, se o Diabo oferecia o mundo, era porque este era dele.

Mas o Criador não fez nem o mundo nem o homem perfeitos, justamente para que este participasse da obra da criação. Escondeu-se na fé para dar ao homem o maior de todos os seus bens: a liberdade. A liberdade de construir o mundo e de descobrir o caminho da virtude, dividido entre o bem e o mal.

A História, como uma sucessão de fatos até chegarmos ao estuário de não termos mais utopias, diz Fukuyama, acabou. Chegamos ao fim da História e ao começo de outra época, na qual já se sabe que algumas coisas são definitivas: a economia de mercado, a democracia, a hegemonia da ciência e da técnica sobre todos os sistemas políticos. Já se pode ver o mundo do futuro, interdependente, sem fronteiras, com o conceito de soberania desmoronado em favor do ideal universal da sobrevivência da própria humanidade. Um mundo da informática, em que ninguém precisa sair de casa, lugar onde se trabalha, diverte-se, dorme-se, administra-se e reza-se. Tudo nas telas coloridas, no jingado dos robôs. Não haverá mais mistérios. Tudo se sabe, desde o conteúdo da partícula fundamental da matéria, raiz do universo, até a previsão de todos os fenômenos e do futuro. Não faltará a viagem ao interior da alma humana e a construção de seres sintéticos, sem necessidade dessa coisa de amor e sexo.

A população será controlada e a vez de nascer estará conjugada com a morte. Deu uma vaga, a vez é de XR1200E3, uma mulher da Polinésia que pode escolher num banco de sêmen mundial o filho que quererá ter.

Tudo isso é o fim da História. Com que nos acenam? E com um mundo chato, sem problemas e com uma vida que é a antivida.

Mas, graças ao mesmo Deus que fez o Diabo, esta é outra utopia falaciosa. Vamos continuar a ter problemas, cada vez mais complexos, e as angústias existenciais iguais às do homem da Pedra Lascada, que nada sabia do **Big Bang**. Aparecerão os Méxicos, as Chechênias, as Somálias e todas as perplexidades.

Continuaremos na luta entre o certo e o errado, a violência e a paz, sempre na busca de encontrar um mundo sem problemas e um homem reconciliado com a paz interior, a paz cristã. As injustiças sociais continuarão a ser uma chama de revolta dentro de nossos corações. Enquanto isso, todos envelheceremos e morreremos, surgindo outras gerações que também morrerão. Cada um teve a graça da vida, esta sim, o grande dom de Deus para com os homens.

Nada mais terrível e aterrador do que a visão desse mundo triste, sem idéias, sem Deus, sem a liberdade de escolher entre a virtude e o pecado. Sem o nosso direito de dizer que coisa estúpida e sem sentido é essa luta entre o Equador e o Peru, no Continente mais pacífico da face da Terra, que há 50 anos não tem uma guerra, como é a América do Sul.

Acabemos com coisas dessa natureza, mas não nos entreguem ao mundo frio das máquinas. Vamos continuar na aventura de um mundo feito com o suor do homem, o trabalho, o emprego, a inteligência, o idealismo, os heróis, os mártires e os poetas.

Afinal, dizia-me um caboclo do Maranhão: "Nada mais triste do que o fim de uma vaquejada, a saudade do rabo do boi." E qual o consolo? — pergunta. "A certeza de que, na outra semana, vai ter outra vaquejada."

Assim é a vida.

José Sarney é presidente do Senado Federal.